



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

PAULETE GONÇALVES GOMES DE MELO

(RE)VERSOS EM AS MÁSCARAS SINGULARES, DE LUIZ RUFFATO

**GUARABIRA - PB
2018**

Paulete Gonçalves Gomes de Melo

(RE)VERSOS EM AS MÁSCARAS SINGULARES, DE LUIZ RUFFATO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Fernandes.

**GUARABIRA - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M526r Melo, Paulete Gonçalves Gomes de
(RE)VERSOS EM AS MÁSCARAS SINGULARES, DE
LUIZ RUFFATO [manuscrito] / Paulete Gonçalves Gomes de
Melo. - 2018.
39 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Luiz Ruffato. 2. Poesia contemporânea. 3. Máscaras
singulares. I. Título

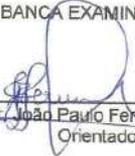
21. ed. CDD 801.959

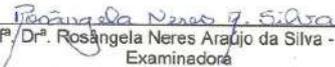
PAULETE GONÇALVES GOMES DE MELO

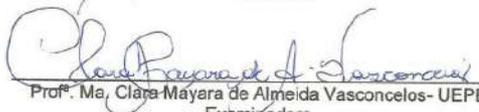
(RE)VERSOS EM AS MÁSCARAS SINGULARES, DE LUIZ RUFFATO

Aprovada em: 04/12/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. João Paulo Fernandes - UEPB
Orientador


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva - UEPB
Examinadora


Prof.^a Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos-UEPB
Examinadora

Dedico este trabalho à memória da minha avó,
Inês de Lima, que em meio a sua simplicidade,
sempre me incentivou a estudar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por toda sabedoria e proteção me concebida nos momentos mais difíceis de minha vida e, especialmente, por ter me proporcionado a oportunidade de estar aqui apresentando este trabalho.

Ao meu pai, Pedro Gomes de Melo e a minha mãe, Marizete Gonçalves Ramos de Melo, pela compreensão e apoio incondicionais ao longo desta jornada.

Ao meu companheiro, Andeilson Ramos de Lima, por seu companheirismo e bom humor nas horas mais tensas.

Ao meu filho, Talles Gonçalves Melo de Lima, razão da minha existência, e por, muitas vezes, compreender a minha ausência.

Ao professor, João Paulo Fernandes, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela paciência e principalmente pelas palavras de incentivo.

Aos professores (as) do Curso de Letras Português da UEPB, que contribuíram para que eu vivesse este momento de intensa alegria.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e incentivo.

“Um bom poema não se esgota com o tempo. Sua leitura poderá operar variados sentidos em diferentes tempos e lugares”.

(CARMO, 2011)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DA PALAVRA À IMAGEM POÉTICA	13
3 SOBRE O AUTOR	18
4 (RE)VERSOS EM <i>AS MÁSCARAS SINGULARES</i>, DE LUIZ RUFFATO	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

RESUMO

Luiz Ruffato, brasileiro de Cataguases, estado de Minas Gerais, é considerado pela crítica como um dos escritores mais relevantes da contemporaneidade. Suas obras revelam seu compromisso em retratar temas relacionados à realidade nacional e a sua poesia é marcada pelo ritmo harmonioso dos seus versos e pelas analogias elaboradas, principalmente, através das imagens e metáforas que tencionam o sujeito. A partir disso, propomos um estudo metodológico das imagens poéticas presentes em sete poemas de sua obra, *As máscaras singulares* (2002). Este trabalho objetiva destacar as relações conflituosas entre o homem e a cidade no mundo moderno. Para isso, utilizamos pressupostos teóricos de Bosi (2000, 2007), Candido (2007), Moriconi (2009), Ribeiro Neto (2011), entre outros. Ao final desta pesquisa compreendemos que as máscaras singulares presentes em seus poemas são um meio para revelar que o homem deve buscar viver em harmonia, mesmo em situações controversas, o que confirma a ideia de opostos que se completam.

Palavras-Chave: Luiz Ruffato. Poesia contemporânea. Máscaras singulares.

ABSTRACT

Luiz Ruffato, Brazilian from Cataguases, state of Minas Gerais is considered by critics as one of the most relevant contemporary writers. His works reveal his commitment to portray themes related to the national reality and his poetry is marked by the harmonious rhythm of his verses and the analogies elaborated, mainly, through the images and metaphors that intend the subject. From this, we propose a methodological study of the poetic images present in seven poems of his work, *The singular masks* (2002). This work aims to highlight the conflictual relations between man and city in the modern world. For that, we based on the theories of Bosi (2000, 2007), Candido (2007), Moriconi (2009), Ribeiro Neto (2011), etc. At the end of this research we understand that the singular masks present in his poems are a form to reveal that man should seek to live in harmony, even in controversial situations, which confirms the idea that the opposites complete each other.

Keywords: Luiz Ruffato. Contemporary poetry. Singular masks.

1 INTRODUÇÃO

O escritor contemporâneo que opta pela ficcionalização de acontecimentos sociais, ou ainda que se comprometa às alusões poéticas que reescrevem tensões do sujeito nacional, produz em prosa ou em verso, temas alusivos à realidade, verossimilmente. De modo que ele utiliza a linguagem, assim como fazem os demais homens para comunicar, denunciar e expressar seus sentimentos. No entanto, sua linguagem é diferenciada, pois como nos afirma Ezra Pound, a “literatura é linguagem carregada de significados” (POUND, 2006, P.32).

Dessa forma, a poesia se constitui como “a arte verbal mais condensada” (CARMO *apud* RIBEIRO NETO, 2011, p.27), pois o poeta busca explorar a linguagem de maneira que possibilite extrair o máximo de significados. E, talvez seja por isso que a poesia ainda tenha mais “autores” que leitores, conforme Ribeiro Neto. Fato que pode ser justificado, em parte, por sua linguagem rebuscada e polissêmica, que requer uma leitura calma e interpretativa. Neste sentido, Amador Ribeiro Neto (2011), diz que:

[...] no mundo pós-moderno, em que a rapidez das informações, bem como sua objetividade e clareza, dão a tônica das relações com o universo, e seus códigos multimídias, uma arte que requer tempo, reflexão e pensamento abstrato, é, de fato, de difícil assimilação. (RIBEIRO NETO, 2011, p. 10).

Porém, apesar disto, é neste cenário pós-moderno de grandes avanços tecnológicos e muitas agitações sociais, onde o tempo parece passar mais rápido e os suportes para o texto poético se multiplicam, que os escritores brasileiros estão produzindo e, segundo a crítica, produzindo literatura de boa qualidade com mais acessibilidade aos leitores.

Luiz Ruffato se insere neste período como um escritor contemporâneo que mescla poesia e prosa, e busca representar na sua arte a classe operária, assim como a classe média-baixa brasileira. Sua “escrita se constituiu como parte de uma decisão política”¹, pois na literatura brasileira de ambientação urbana não existia até então representações significativas da classe trabalhadora, assim como das classes sociais menos favorecidas.

¹ Disponível em: < <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/Luiz-Ruffato-Literatura-e-compromisso-/39/33164>>. Acesso em: 13 out. 2018.

A sua obra, *As máscaras singulares* (2002), é uma coletânea de poemas dividida em cinco seções; uma delas, *As máscaras singulares*, que herda o título da obra, a qual voltamos o nosso olhar para uma breve análise, abordando como tema principal o conflito entre o homem e a cidade no mundo contemporâneo.

A escolha pela obra de Luiz Ruffato se deu a partir da indicação do orientador deste trabalho, professor João Paulo Fernandes, um desafio que aceitamos, pois vimos a oportunidade de conhecer um novo autor e uma temática até então desconhecida, a qual podemos refletir acerca da produção em versos de um escritor pouco lido/estudado nas universidades brasileiras.

Nesse contexto, o trabalho se justifica, sobretudo, pela necessidade de apresentar ao leitor novas obras e novos autores fora os já consagrados pelo cânone literário. Deste modo, propomos fazer um estudo direcionado para as imagens poéticas presentes na poesia de Luiz Ruffato, numa tentativa de desvendar as máscaras singulares presentes em seus poemas, tendo como objetivo principal destacar as relações conflituosas entre o homem e a cidade no mundo moderno.

Quanto à metodologia, a presente pesquisa tem caráter bibliográfico, logo adotamos uma abordagem qualitativa dos poemas a serem analisados, utilizando os pressupostos teóricos de Bosi (2000, 2007), Candido (2006), Moriconi (2009), Ribeiro Neto (2011), entre outros. Também utilizaremos como fonte de pesquisa, principalmente para conhecer melhor o autor, Luiz Ruffato, uma série de entrevistas concedidas a canais e revistas em suportes da internet.

Para uma maior compreensão, organizamos essa monografia em distintos capítulos, começando pela apresentação, seguido pelo segundo capítulo, no qual trataremos algumas considerações teóricas acerca da poesia, do poeta e da criação poética; no terceiro momento, apresentamos o autor, sua relevância na atualidade, os temas abordados, suas obras e a obra em estudo, *As máscaras singulares*; já no quarto capítulo, faremos uma breve análise dos sete poemas da seção que intitula a obra, destacando as imagens poéticas e como se estabelece o conflito entre o homem e a cidade, logo depois, tecemos algumas considerações sobre o estudo realizado e por fim, as referências bibliográficas.

2 DA PALAVRA À IMAGEM POÉTICA

A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizar-se no corpo. A imagem é afim à sensação visual. O ser vivo tem, a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. (BOSI, 2000, p.19).

A epígrafe nos apresenta a ideia de que o homem primeiro viu, enxergou o ambiente em que estava inserido e todas as coisas, belas ou feias, boas ou más que o circundavam. Conseqüentemente, essas imagens se fixaram e passaram a fazer parte do seu cotidiano. Assim, a imagem tende a nos aproximar do objeto ao mesmo tempo em que nos desperta emoções como o que ocorre na percepção visual. Sendo que, neste sentido, “o olho capta o objeto sem tocá-lo, degustá-lo, cheirá-lo, degluti-lo. Intui e compreende sinteticamente, constrói a imagem não por assimilação, mas por similitudes e analogias” (BOSI, 2006, p. 10).

Segundo Bosi (2000), “a imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho” (p. 19), o que permite compreendermos a importância que a memória desempenha nesse processo por sua capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações, pois o olho capta a imagem e a mantém guardada para que o homem possa recorrer ao passado para compreender o presente.

Constituída, a imagem procura aprisionar a natureza do homem e das coisas e esse processo de construção começa desde a infância, se revelando primeiro como um objeto mental e depois verbalizada através da linguagem. Bosi (2000), acentua que:

[...] o que dá o ser a imagem acha-se necessariamente mediado pela finitude do corpo que olho. A imagem do objeto-em-si é inaferrável; e quem quer apanhar para sempre o que transcende o seu corpo acaba criando um novo corpo: a imagem interna, ou o desenho, o ícone, a estátua. (BOSI, 2000, p. 21).

Podendo ser esse novo corpo relacionado a experiências de prazer ou horror, que tendem a nos aproximar ou a nos distanciar, experiências que só são possíveis graças à nossa memória e a sua capacidade de conservar e recordar.

A imagem no poema, segundo Bosi (2000), é uma palavra articulada, pronunciada, que não pode ser confundida com a figura do objeto que o olho captou ou com o fantasma criado no devaneio. Logo, ele explica que a “superfície da palavra

é uma cadeia sonora. A matéria verbal se enlaça com a matéria significada por meio de uma série de articulações fônicas que compõem um código novo, a linguagem” (BOSI, 2000, p. 29).

Acerca da linguagem e de como ela se constitui na literatura, Vieira (2011), afirma que:

A literatura [...] é vista como uma manifestação de arte, e a palavra é seu material. É a linguagem que lhe dá vida. Não qualquer linguagem, mas uma elaborada ao ponto de ser geradora de sentidos. Enfim, a forma como explora as possibilidades verbais em seus vários níveis é seu traço essencial”. (VIEIRA *apud* RIBEIRO NETO, 2011, p.25).

Com base nestas considerações, constatamos que o poeta utiliza a linguagem para comunicar e expressar as emoções do eu lírico. Ele elabora seu trabalho de um modo especial, pois a palavra é explorada a partir de sua polissemia e da sua criatividade poética. Logo, como acentua Amador Ribeiro Neto (2011),

[...] todo poeta anseia pelo novo, pelo diferente, pelo singular. Afinal interessa-lhe dizer algo com a linguagem até então, se possível, desconhecida. Por isso, desconstrói a gramática normativa da língua e cria uma nova gramática. Cria um novo mundo de significações. (RIBEIRO NETO, 2011 p. 9).

Seguindo este pensamento, Candido (2006) nos diz que essa habilidade de tirar proveito da versatilidade da língua para atribuir significados próprios às palavras e suas combinações, apontando assim sua significância no poema, é própria do poeta. Ele é um ser “dotado de um senso especial em relação às palavras, e que sabe explorá-las por meio de uma técnica adequada a extrair delas o máximo de eficácia” (p.69). Ainda acrescenta que essa capacidade distinta encontrada no poeta se chama “inspiração, que é uma espécie de força interior que o leva para certos caminhos da expressão” (p.69).

Deste modo, o poeta tem plena liberdade para criar e se expressar ao mesmo tempo em que escreve suas obras com o intuito de serem lidas, ganhando vida através da leitura. Neste contexto, cabe ao leitor a sua própria interpretação o que assegura a multiplicidade de sentidos atribuídos, por exemplo, a um mesmo poema. Pois, é nesse processo de interação que o leitor se posiciona criticamente e insere sua carga de conhecimentos e emoções para formular posicionamentos acerca do que foi lido.

Vale ressaltar que desde os antigos gregos, por seu labor criativo e seu talento, cabia a tais homens a tarefa de nomear, assim “o poeta é doador de sentido”, como aponta Alfredo Bosi (2000, p.163), sendo deste modo considerado por muito tempo, já que “é a ideologia dominante que dá, hoje, nome e sentido as coisas” (p. 164).

A linguagem é utilizada pelo poeta na elaboração de sua arte de modo próprio, com sentido conceitual e de modo figurado, com transposição de sentido. Segundo Candido (2006),

As palavras em sentido próprio são geralmente dirigidas pelo poeta conforme um intuito que desloca o seu sentido geral; as palavras com sentido figurado são usadas com um senso de pesquisa expressional, de criação, de beleza, explorados sistematicamente, o que lhes confere uma dignidade e um alcance diversos dos que ocorrem na fala diária. (CANDIDO, 2006, p. 74).

Na linguagem poética, que geralmente se constitui de linguagem própria e de linguagem figurada, se encontra a analogia, semelhanças entre coisas distintas. Utilizada pelo poeta com o intuito de enriquecer a percepção e recriar o mundo pela imagem. Sendo que a analogia comporta a metáfora, transferência de sentido e as demais figuras.

Deste modo, poesia é criação poética através da linguagem. O poeta se sente livre ao elaborar sua arte e encontra na versatilidade da linguagem os instrumentos necessários para desenvolver sua habilidade. Ele utiliza essa versatilidade da melhor forma que lhe convém para que assim o leitor possa interagir com o texto e descobrir nos versos e nas suas entrelinhas toda a emoção expressada pelo eu lírico. Moriconi (2009), acentua que:

A poesia brinca com a linguagem. Chama atenção para as possibilidades de sentido. Explora significativamente coincidências sonoras entre palavras. Fabrica identidades por analogia, através das imagens ou metáforas: mulher é flor, rapaz é rocha, amor é tocha. Nuvem é pluma. Pedra é sono. (MORICONI, 2009, p.13).

Na criação poética é notável o uso da metáfora devido a sua função de transferir sentido, marcada pela leveza de proximidade, sem a necessidade de elementos lógicos de comparação. Esse processo ocorre de modo mais espontâneo. E sobre a transferência semântica, Candido (2006) afirma que:

[...] é mais “poética”, mais “visceral”, mais ligada a uma necessidade profunda de expressão, parecendo “criar” uma realidade diversa, que se apresenta na

sua integridade sem justificativa, sem desculpas, sem recurso a um elemento discursivo de prova que nos arraste para o universo prosaico da razão e da lógica. (CANDIDO, 2006, p. 81, *grifos do autor*).

Ítalo Moriconi (2009), corrobora o pensamento de Candido em sua obra *Como e por que ler poesia brasileira do século XX*, que:

Poesia respira, joga com pausa, alterna silêncios e frases (os versos). Poesia é bonito na página, é festa tipográfica. Festa para os olhos. Ritmo visual que vira sonoro, quando lemos o poema em voz alta. Imaginação e sabedoria combinadas numa certa vertigem, a velocidade das estrofes. Linguagem concentrada que, no entanto, pode distender-se, estender-se. Todos os cinco sentidos traduzidos, por meio da palavra, em coisa mental. Coisa mental que se pode comunicar pela fala, guardar na página ou na memória, que nem talismã. (MORICONI, 2009, p. 08).

Em suma, suas palavras indicam o verdadeiro significado da poesia em toda a sua plenitude. Logo, estamos nos referindo do ponto de vista de quem vê, lê e sente a poesia como uma fonte de inesgotável prazer, pois ela tem a capacidade de provocar as mais diversas sensações.

A poesia é um gênero que antecede a prosa, o que assegura sua relevância histórica para as futuras produções literárias. É considerada, segundo Candido, “como a forma suprema de atividade criadora da palavra, devida a intuições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva” (CANDIDO, 2006, p. 12). Dessa forma, o poeta se apresenta como o senhor dessa criação, sendo sua atividade

[...] revestida de um caráter superior dentro da literatura, e a poesia é como a pedra de toque para avaliarmos a importância e a capacidade criadora desta. Sobretudo levando em conta que a poesia foi até os tempos modernos a atividade criadora por excelência, pois todos os gêneros nobres eram cultivados em verso. (CANDIDO, 2006, p. 12).

Deste modo, compreendemos que até os tempos modernos a poesia era necessariamente constituída em verso. No entanto, com o advento de ideias modernas, oriundas das vanguardas europeias, a poesia moderna se apresenta mais próxima da prosa, seus versos fixos, rimados e metrificados também passaram a ser livres e geralmente desprovidos de métrica e de rimas. O que favoreceu uma maior liberdade na criação poética. Neste sentido, Candido (2009), acentua que:

[...] a poesia não se confunde necessariamente com o verso, muito menos com o verso metrificado. Pode haver poesia em prosa e poesia em verso livre. Com o advento das correntes pós-simbolistas, sabemos inclusive que a poesia não se contém apenas nos chamados gêneros poéticos, mas pode estar autenticamente presente na prosa de ficção; [...] pode ser feita em verso muita coisa que não é poesia. (CANDIDO, 2009, p.13).

Conseqüentemente, a poesia contemporânea é marcada pelo ritmo harmonioso dos seus versos e pelas analogias elaboradas principalmente através das imagens e metáforas, sendo que sua beleza e sonoridade são efeitos concebidos a partir da versatilidade da linguagem que é utilizada pelo poeta. O poema pronto ganha vida através do processo de interação com o leitor.

Ainda acerca desse discurso sobre poesia, de como ela se apresenta nas produções contemporâneas, vale ressaltar a fala de Luiz Ruffato em entrevista concedida a Daniel Mandur Thomaz, quando questionado sobre o papel da poesia em sua obra, já que o escritor tanto escreve poemas quanto prosas. A esse respeito, Ruffato nos revela que:

Meus colegas poetas não me consideram poeta e sim prosador... (risos). Mas eu sou muito mais leitor de poesia do que de prosa. A poesia é fundamental pra mim. Escrever o que escrevo sem a intermediação da poesia seria impossível. Mesmo minha prosa é encharcada de poesia.²

A poesia de Ruffato tem uma característica marcante, a imagem. Seus poemas projetam, através de imagens bem elaboradas, toda a emoção do eu lírico nas mais diversas temáticas. Na obra em análise, *As máscaras singulares*, a natureza, os mitos, o tempo, a morte, o homem e seus conflitos com a cidade no mundo contemporâneo, são apreendidos mentalmente pelo leitor por meio das imagens que formam.

Em seguida, faremos uma breve apresentação sobre o autor, Luiz Ruffato, trazendo informações que evidenciam sua trajetória, que parte de uma infância sem livros ao reconhecimento como um dos mais respeitados escritores de literatura brasileira da atualidade.

² Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/Luiz-Ruffato-Literatura-e-compromisso-/39/33164>>. Acessado em: 14 set. 2018.

3 SOBRE O AUTOR

Luiz Fernando Ruffato de Souza, mais conhecido como Luiz Ruffato, nasceu em Cataguases, estado de Minas Gerais no ano de 1961. De origem simples, teve que conciliar estudo e trabalho desde a infância. Formou-se no curso técnico de tornearia mecânica no Senai de Cataguases, em 1977, e formou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 1981³.

Ruffato teve uma infância sem livros, seu primeiro contato com a literatura foi aos treze anos de idade na biblioteca da escola onde estudava, no entanto ele só permaneceu lá por um ano. Tempos depois começou a ler por necessidade, já na época da faculdade e nunca mais parou. Indagado sobre sua formação como leitor em uma entrevista ao *Jornal Cândido*, de Curitiba, revela que:

*Na verdade, minha trajetória de leitor e, mais tarde, de escritor, é meio absurda, porque eu não tinha livros em casa, meu pai era um pipoqueiro semianalfabeto e minha mãe uma lavadeira analfabeta. O único livro que tinha em casa era a Bíblia, porque meu pai era diácono de uma igreja evangélica. Ou seja, estava tudo certo para eu não entrar na literatura. E eu entrei. (RUFFATO, grifos nossos)*⁴

Atualmente, é considerado pela crítica um dos escritores contemporâneos mais importantes do Brasil. De uma escrita realista e provocante, inovou na literatura brasileira ao abordar nas suas obras ficcionais uma temática nova, o protagonismo da classe operária, que veio justamente suprir uma lacuna no mercado editorial vigente em nosso país.

Escolhi escrever sobre a camada da classe média baixa porque sou dessa origem. Minha mãe foi lavadeira de roupas e meu pai foi pipoqueiro. Eu fui operário têxtil, logo em seguida torneiro mecânico e quando eu comecei a ler literatura brasileira com mais interesse descobri que essa camada baixa não estava sendo representada, então minha decisão foi no sentido político. Eu me dei como tarefa tentar representar a camada social baixa na literatura brasileira. (RUFFATO)⁵

³ Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3628/luiz-ruffato>> Acesso em: 20 de out. 2018.

⁴ Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=266>>. Acesso em: 16 de set. 2018.

⁵ Disponível em: <<https://livreopiniao.com/2013/12/20/luiz-ruffato-eu-me-dei-como-tarefa-tentar-representar-a-camada-social-baixa-na-literatura-brasileira/>>. Acesso em: 16 de set. 2018.

O autor escreve com muita propriedade sobre o ambiente operário, a classe média baixa e a cidade de São Paulo, cidade onde reside desde 1990 e que costuma ambientar suas obras. Os traços de realidade presentes nas suas obras se apresentam como uma marca da literatura contemporânea que repete o procedimento aristotélico da verossimilhança, buscando estabelecer uma relação entre o que é real e o ficcional. Ruffato, sobre os apontamentos de autobiografia em suas obras, relata que:

Na verdade, em toda minha trajetória, não tenho uma história sequer que seja autobiográfica. Ao mesmo tempo, todas têm traços autobiográficos, seja por conta do universo, seja por conta dos afetos, do sentimento que está colocado ali, seja até mesmo por certa visão de mundo. [...] Então essa coisa está sempre muito mesclada pra mim. Muito misturada. (RUFFATO)⁶

Ao falar de sua produção literária, de como surgem suas narrativas ou seus poemas, o autor fala em “memória coletiva”, uma memória que é visitada para ganhar vida, através de uma nova obra e alimentada a partir dos processos de interação entre os indivíduos, como acontece com escritores desde a antiguidade. Destaca-se a importância do leitor letrado, capaz de ler, interpretar e realizar uma crítica acerca da obra lida.

Tenho uma teoria estranhíssima: eu, como escritor, tenho um papel muito limitado e secundário, quando sento para escrever. Acredito que exista uma memória coletiva, que eu então visito e trago dela essas histórias que de alguma maneira me convêm. Escrevo livros que são lidos, e eles voltam a realimentar a memória coletiva. (RUFFATO)⁷

Questionado em uma entrevista por Heloisa Buarque de Hollanda sobre como iniciou sua carreira de escritor e que gênero despertou seu interesse, Luiz Ruffato diz que:

Comecei pela poesia. Neste primeiro momento tive bastante contato com o pessoal que começava a fazer poesia em Juiz de Fora e com os grupos de poesia marginal do Rio. Era um momento muito rico nesse sentido em Juiz de Fora. Na época eu publiquei um pequeno livro de poesia, chamado O

⁶ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/20/interna_diversao_arte.660829/em-entrevista-luiz-ruffato-fala-sobre-a-literatura-que-incomoda.shtml> Acesso em: 16 de set. 2018.

⁷ Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=266>> Acesso em: 16 de set. 2018.

homem que tece, sobre um operário, e vendemos tudo, nem eu tenho esse livro. (RUFFATO)⁸

O livro de estreia, mesmo que de modo informal, foi impresso em mimeógrafo no ano de 1979 e, apesar do tempo que o separa da publicação da obra *Histórias de remorsos e rancores* pela Boitempo Editorial, que insere o autor no campo profissional em 1998, já apontava para a temática que o autor conserva até hoje em sua literatura, a classe operária brasileira.

Ruffato admite que apesar de ser um grande leitor de poesia escreve pouca poesia, pois ele procura levá-la para dentro de sua prosa, incorporando-a no universo fantástico das narrativas. “Escrevo poesia quando sinto que não há como me expressar, a não ser nela” (RUFFATO)⁹.

A obra mais conhecida e premiada de Ruffato é o romance *Eles eram muitos cavalos* de 2001, ganhador do Troféu APCA oferecido pela Associação Paulista de Críticos de Arte e o Prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional. Suas obras despertaram o interesse internacional e são traduzidas em vários idiomas, assegurando um reconhecimento por seu talento, sendo que em 2016 foi o primeiro escritor brasileiro a receber o Prêmio Internacional Herman Hesse de Literatura.

Sua mais recente publicação é a obra *A cidade dorme* (2018), pela Companhia das Letras, um livro com vinte narrativas que foram escritas pelo autor nos últimos quinze anos. Ruffato pretende levar o leitor a refletir, a “pensar na história do Brasil a partir de histórias individuais e de pessoas comuns” presentes na obra. “Todos os contos desta coletânea foram publicados anteriormente em jornais, aqui no Brasil e no exterior” (RUFFATO)¹⁰.

⁸ Disponível em: < <https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/entrevista-a-luiz-ruffato/>> Acesso em: 16 de set. 2018.

⁹ Disponível em: < <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/23-11-2014/entrevista-luiz-ruffato-escritor.html>> Acesso em: 16 de set. 2018.

¹⁰ Disponível em: < https://www.diariodaregiao.com.br/conteudo/2018/02/vida_e_estilo/1096539-reconstruindo-a-historia.html> Acesso em: 16 de set. 2018

4 (RE)VERSOS EM AS MÁSCARAS SINGULARES, DE LUIZ RUFFATO

A obra *As máscaras singulares*, uma coletânea de poemas, está dividida em cinco seções, Paisagens, com 5 poemas, A sedução dos mitos, com 14, As máscaras singulares, com 7, Arqueologias, com 18 e Jogos, com 8. Os poemas são curtos e estão organizados um por página.

Na seção *As máscaras singulares*, que intitula da obra que voltamos o nosso olhar para a análise, os poemas se diferenciam dos demais por serem os únicos numerados numa sequência crescente de I a VII em algarismos romanos e por serem constituídos de uma estrofe com nove versos cada.

A obra foi publicada pela Editorial Boitempo em 2002, no entanto foi escrita em meados da década de 1990, como afirma e explica o próprio autor, em entrevista ao *Jornal Diário de Cuiabá*:

O meu livro de poemas, *As máscaras singulares*, embora publicado em 2002, é anterior a *Histórias de remorsos e rancores*, editado em 1998. Ocorre que, num determinado momento, percebi que a poesia que buscava poderia ser absorvida na prosa. O que tento hoje é fazer uma prosa de ficção que tem um pé enterrado na poesia.¹¹

Tais constatações são necessárias para se adentrar no lirismo do autor e compreender seu estilo de produção que vem se confirmando no decorrer do tempo, visto que, em suas obras, poesia e prosa se conectam. Trata-se então, dos anos iniciais de sua vida na cidade de São Paulo, cidade que ele escolheu para morar, ambientar suas obras e que como ele mesmo diz, mantém uma relação de “amor e ódio”¹².

As obras do autor, de modo geral, se constituem a partir da realidade e apesar de nenhuma delas serem “autobiográficas”, muitos vestígios de sua vida particular e de até de seus parentes mais próximos, estão entranhados em seu discurso. Em entrevista, Ruffato ressalta que:

Toda literatura está perto da realidade, pois se nutre dela. Há graus de proximidade diferentes. Mesmo quando se trata de uma literatura escapista,

¹¹ Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=311205>> Acesso em: 29 de set. 2018.

¹² Disponível em: <<https://livreopiniao.com/2013/12/20/luz-ruffato-eu-me-dei-como-tarefa-tentar-representar-a-camada-social-baixa-na-literatura-brasileira/>> Acesso em: 29 de set. 2018.

a realidade é a referência. No meu caso, a realidade que me interessa é a física - cheiros, sons, volumes, cores e sabores - que informam a realidade metafísica - sentimentos, desejos, angústias, culpas, remorsos, vinganças etc etc. Minha tentativa é a de reproduzir seres de carne e osso em papel. Daí ser tão real. Daí ser tão ficcional. Porquê, entre a realidade e a ficção - a poesia.¹³

Do mesmo modo, presumimos que ao escrever sobre a cidade, em *As máscaras singulares*, o autor também escreve sobre São Paulo, maior metrópole do país e maior aglomerado de pessoas de distintas regiões e seu eu lírico expressa as emoções de um período marcado por um momento de transição vivido no Brasil, tanto na esfera política quanto cultural. Trata-se de um início de década, como afirma o próprio autor, que

assolado por crises institucionais (o presidente Fernando Collor, na iminência de sofrer um *impeachment*, renuncia ao cargo em 1992) e econômicas (hiperinflação, confisco) para um país democrático, com uma economia estável, diversificada e dinâmica. O mercado editorial, devagar, retoma as apostas em autores nacionais, que voltam a atrair, ainda que timidamente, a simpatia do público. E o conto, pouco a pouco, ganha espaço, dividindo equitativamente com o romance a preferência de escritores e leitores¹⁴.

Faz-se necessário conhecer um pouco do momento histórico em que surgem os poemas é um meio para compreender a escrita do autor contemporâneo e as emoções que o eu lírico vive. No entanto, a de se deixar claro que contextualizar não se resume a datar, como diz Alfredo Bosi no prefácio *Poesia e historicidade*, pois é uma experiência mais abrangente.

Contextualizar o poema não é simplesmente datá-lo: é inserir as suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional; uma trama em que o eu lírico vive ora experiências novas, ora lembranças de infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudanças, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças. (BOSI, 2006, p. 13).

As máscaras singulares, como escreve Ruy Espinheira Filho na orelha da obra, “é um livro pungente”, que perturba, que provoca, que tem um sentimentalismo que nos atinge profundamente por meio da reflexão. Seu eu lírico convive em constante conflito, consigo e com o mundo moderno em que reside.

¹³ Disponível em: < <http://www.garqantadaserpente.com/entrevista/luizruffato.shtml> > Acesso em: 02 de out. 2018.

¹⁴ Disponível em: < <http://conexoescitacultural.org.br/biblioteca/alguns-apontamentos-sobre-a-literatura-brasileira-contemporanea/> > Acesso em: 29 de set. 2018.

O título da obra, *As máscaras singulares*, já assinala para o que o leitor vai encontrar nos poemas e nas suas entrelinhas. Pois, “máscaras” são acessórios usados para cobrir o rosto, para ocultar a identidade. Segundo Scottini (2009), o vocábulo significa “s.f., cobertura artificial colocada no rosto para disfarce; fig., falsidade, falsa aparência” (p. 354). Remete-se aos disfarces que usamos para nos adaptarmos em certos ambientes, para sobrevivermos em épocas tão difíceis. Além disso, as “máscaras” são “singulares”, ou seja, são únicas, subjetivas e particularizantes o que nos leva a percebermos que desde o título sugere ou ainda é sugerida pela figura de linguagem pelo antagônico, contrários que se completam.

Luiz Ruffato nos convida à leitura e nos oferece a oportunidade de passear pelos temas abordados em sua obra e, a partir de seu lirismo intenso, desvendar os mistérios ocultos por trás das máscaras singulares presentes em seus poemas. A seguir, propomos uma breve análise dos sete poemas da seção *As máscaras singulares*.

I

Abertos os braços o mapa sobre a escrivaninha
solidário oferece-se: fios azuis da lívida mão
sob a pele, contornos às margens – cidades,
vilas, povoados. Buscam os olhos a mágica
palavra, dentre a constelação de topônimos,
que, quando recitada, da caverna a oculta
porta abre. E do fundo da úmida
penumbra, lá fora, a desfilar, veremos
sombas. O cortejo: o tesouro.
(RUFFATO, 2002, p. 39).

O poema é caracterizado por versos livres que são constituídos a partir de vocábulos que nos aproximam da temática abordada, a cidade e as reminiscências do eu lírico, inicialmente, por meio das imagens que projetam. Observamos uma cena que começa leve, cotidiana e que se distende a certa obscuridade, sendo que o eu lírico é marcado pela primeira pessoa do plural “veremos”, sem determinar particularidade de um sujeito.

Pela ausência de rimas externas, voltamos nossos alhares ao ritmo que se materializa em sonoridade interna, inicialmente notado pelo cavalgamento sintático que liga verso a verso. Bem como a presença de vocábulos que promovem a compreensão do sujeito e sua inserção em contexto tencionado pelos “braços” e “cavernas”, referindo-se à abertura e fechamento, respectivamente.

As figuras de linguagens utilizadas enriquecem a criação poética e auxiliam na compreensão do leitor. O “mapa”, como observamos, ganha vida por meio da personificação e se apresenta no texto com qualidade, é “solidário” e tem ação, pois “oferece-se”, e oferta vida. Os “fios azuis” nos remetem às veias da mão que conduzem o sangue, a vida, mas que no contexto do poema aludem aos rios, sentido que se completa nos versos seguintes quando compreendemos que é nos contornos de suas margens que surgem as cidades, as vilas e os povoados porque o rio oferece condições propícias para o desenvolvimento da vida humana.

No entanto, essa ideia de contornos, de cidades, de vilas e povoados, vista por outro ângulo, também remete ao limite espacial e que correspondem às limitações humanas, colocando o homem preso ao espaço em que se encontra, limitado, sem expectativas para ultrapassar essas barreiras. O que pode ser reforçado a partir da imagem da “caverna” e do local em que se encontra a “escrivanhinha”, que supomos ser o quarto, ambos ambientes também fechados.

A “[...] mágica / palavra, dentre a constelação de topônimos”, são alusões feitas pelo poeta para mostrar as dualidades da cidade, que ora se apresenta como ilusão, de modo artificial, ora como estrela, de modo real, ora podendo refletir trevas, porque a magia pode ser negra, ora refletindo luz, a luminosidade semelhante à do corpo celeste. Fatos que interferem na constituição do sujeito que fica sempre oscilando entre as trevas e a luz.

O poema é uma consequência das reminiscências do eu lírico, pois ele revisita o seu passado na tentativa de compreender o presente. Deste modo, ao ser pronunciado o verso “da caverna a oculta porta abre”, notamos que a imagem da caverna é uma metáfora da memória, pois a cidade surge de um ambiente fechado, que precisa ser visitado para que se descubra o que há em seu interior, ou seja, algo semelhante ao que ocorre na memória.

Mais adiante, observamos pelos vocábulos “fundo” e “penumbra” uma obscuridade que se completa, semanticamente, pelas “sombas”, em meio aos versos do poema, fazendo alusão à ausência da luz, que incidida sobre os objetos em destaque minimizaria os efeitos opostos à escuridão. Por conter na sílaba tônica a vogal /u/, fundo e penumbra reforçam a duração e efeito sonoro que se estabelece pelo movimento interno a partir do *enjambement*, sintático e semanticamente. Bosi (2000), a esse respeito, nos diz que:

Os defensores do simbolismo orgânico acreditam que uma vogal *grave*, *fechada*, *velar* e *posterior*, como *lu*, deva integrar signos que evoquem objetos igualmente fechados e escuros; daí por analogia, sentimentos de angústia e experiências negativas, como a doença, a sujidade, e tristeza e a morte. (BOSI, 2000, p. 56, *grifos do autor*).

O eu lírico nos revela sua tristeza ao se deparar com a cidade que surge do passado em meio a escuridão, sem brilho, como um velho fantasma. “E do fundo da úmida / penumbra, lá fora, a desfilar, veremos / sombras”. As imagens transbordam os limites racionais e nos levam a um ambiente surreal, onde as sombras protagonizam a cena, reforçando as trevas e os sentimentos relacionados a angústia, a dor, a solidão, pertinentes a ausência da luz.

E, de modo inesperado, o eu lírico faz sua homenagem, aquela que acaba de encontrar, a considerar o “tesouro”, o que antes era omitido, agora um lugar precioso. Notamos no último verso do poema o antagonismo que se apresenta ao longo do poema em relação à cidade e o sujeito que nela habita, as ideias opostas que se cruzam e se completam.

A seguir, no segundo poema, observamos que as sombras que neste permeiam, se intensificam e influenciam diretamente no conflito entre o homem e cidade.

II

Habitam as sombras a cidade que habita
um corpo que nela habita num momento, esse.
À cidade retornar é diverso de nela
permanecer, mesmo que em pensamento.
Volver: nas ruas subsumir a própria face
espelhada. Estar no porão da cidade todo
tempo: ela mesma reconhecer-se, objetos
olvidados na memória reordenar. Os olhos
de Medusa enfrentar e torná-la pétrea.
(RUFFATO, 2002, p. 40).

De início, observamos que o poema apresenta um eu lírico que redescobre a cidade há tempos esquecida, momento marcado por emoções contrastantes e que requer do leitor conhecimento de mundo para compreendê-lo, pois o poeta se remete a uma personagem da mitologia grega, Medusa.

Segundo Thomas Bulfinch (2006), Medusa era uma linda mulher, que ao competir em beleza com Minerva, foi castigada pela deusa, perdeu seus encantos e

seu cabelo foi transformado em horríveis serpentes, "tornou-se um monstro cruel, de aspecto tão horrível, que nenhum ser vivo podia fitá-la sem se transformar em pedra" (BULFINCH, p.121-122).

O clima tenso que permeia o poema nos leva a entender que, a imagem de Medusa e todo horror que ela representa também é, de certa forma, a imagem da cidade e, conseqüentemente, a imagem do sujeito que habita a cidade. De modo que o confronto entre o sujeito ao retornar e a cidade se torna inevitável.

O poema é encadeado, sintaticamente, uma vez que um verso se completa no outro, o jogo de verbos e substantivos garante seu movimento e a sua sonoridade. Inicialmente, observamos uma relação de dependência linear que envolve "sombras", "cidade", "corpo" e "tempo". Neste sentido, o tempo é marcado pelo vocábulo "esse", que se remete ao tempo presente, momento em que o sujeito habita a cidade.

O sujeito é o "corpo", reflexo de um homem que se sente morto, que habita uma cidade envolvida pela escuridão, uma cidade que vive nas sombras, em meio aos fantasmas. O sujeito, mesmo sendo originário desta, ao retornar não mais se reconhece como parte dela, se sente como um estranho em sua própria casa, pois sua partida o distanciou de tal modo que a cidade agora lhe é estranha. "À cidade retornar é diverso de nela / Permanecer, mesmo que em pensamento". Logo, como constatamos, nem em pensamento essa distância se torna inexistente.

O conflito entre o homem e a cidade, neste contexto, é revelador da perda do sentimento de pertencimento identitário, onde o tempo é o principal influenciador do conflito, responsável pelas perdas de identificação tanto do sujeito com a cidade quanto da cidade com o sujeito. Pois, os processos evolutivos nos aproximam de outras realidades e nos transformam, assim chega um tempo em que a cidade já não nos comporta ou vice-versa.

As metáforas, "[...] nas ruas subsumir a própria face / espelhada. Estar no porão da cidade todo / tempo: ela mesma reconhecer-se, objetos / olvidados [...]", são imagens que aludem ao sentimento do sujeito e da cidade. Pois, ao dar voltas na cidade o sujeito se encontra incluído no que observa, sua face é refletida. Deste modo, aquelas estruturas há tempos construídas contêm sua história, sua vida, suas lembranças. Ele se sente no porão da cidade, ou seja, se reconhece naquele momento como sujeito pertencente ao passado, sendo também este o local em que ela se encontra em sua memória, uma cidade por tempos esquecida e guardada. Mesmo pertencendo a seu passado não constituem com a mesma intensidade o presente.

A incidência das sombras permanece no poema e molda os sentimentos, o sujeito se revela tão obscuro quanto a cidade, sendo que a única referência de luz se observa na referência a “face espelhada”, que pode oferecer meios para que o sujeito saia daquela situação em que se encontra.

Nos versos finais, “[...] Os olhos / de Medusa enfrentar e torná-la pétrea”, o sentimento do sujeito que se refere à Medusa como criatura cruel, para comparar seu olhar diante da cidade. Assim, seu olhar petrificaria a cidade, o que nos leva a entender que o passado permanecera no passado e o sujeito enfrenta sua volta, encerra com determinação aquela situação, vence Medusa e se mostra determinado a construir uma nova história.

A cidade foi revelada como objeto olvidado na memória, esquecida pelo sujeito e pertencente apenas ao seu passado, um conformismo pertinente ao contexto do poema. Ruffato, através do eu lírico, nos mostra outra face da cidade, nos revelando como surge em meio ao conflito do urbano e periférico.

III

Do derradeiro pântano emerge a cidade.
 Pelo vento fustigada, a vasta cabeleira
 verdes ondas nos mares de morro provoca.
 A longuíssima serpente sempre renovada
 água-doce destila, entre punhais de sol.
 Na moldura das janelas, vozes. As ladeiras
 ascendem coxas sustentando corpos escassos.
 Seios e seixos nas notívagas mãos. Ah!
 O Tempo os cabelos e os dentes arranca-nos.
 (RUFFATO, 2002, p. 41).

O eu lírico do poema, marcado pela primeira pessoa do plural “arranca-nos”, no caso oblíquo átono, como observamos, nos apresenta uma cidade que surge do último “pântano”, um local impróprio para habitações humanas, uma alusão feita para mostrar o que ocorre nos grandes centros urbanos em que as pessoas menos favorecidas fixam moradia em espaços inadequados, o que acaba favorecendo uma tensão entre o periférico e o urbano.

De modo geral, esse conflito se estabelece pela ausência de igualdade entre lugares tão próximos, pois quando pensamos em ambiente urbano, pensamos em progresso, comércio desenvolvido, moradias confortáveis, hospitais, escolas, enfim, uma infraestrutura que favorece a condições de vida digna, diferente do que

observamos nas periferias, locais também urbanos, mas que, quase sempre, só oferecem o mínimo para as pessoas sobreviverem.

Na criação poética, percebemos que a aliteração presente em muitos vocábulos do poema é um recurso que favorece a sonoridade, a repetição das consoantes /r/ e /s/, respectivamente, vozeada e não vozeada, por exemplo, auxiliam no ritmo entre os versos, assim como a presença de vocábulos que rimam entre si, “fustigada/renovada” e outros que se assemelham sonoramente, “serpente/dentes”, “cabeleira/ladeiras”.

De modo similar, a sequência de metáforas empregadas pelo poeta favorece a compreensão do leitor e oferecem meios para plurais leituras, visto que muitos dos vocábulos têm valor polissêmico. “Pelo vento fustigada, a vasta cabeleira / Verdes ondas nos mares de morro provoca”, as imagens aqui apreendidas nos mostram que o vento abala a “cabeleira”, no contexto das periferias, os emaranhados de fios elétricos que se assemelham aos fios do cabelo humano, e provoca “verdes ondas”, ou seja, balança as árvores que ainda existentes como o movimento semelhante aos das ondas do mar, como também nos remetem através do vocábulos “mares de morro” a tensão entre riqueza e desigualdade social, visto que muitas periferias são vizinhas dos bairros nobres, com vista para o mar, o que acaba limitando o acesso de sujeitos de classe baixa a esse ambiente por causa dos altos preços dos serviços oferecidos, por exemplo, fazendo da laje com chuveiros os seus mares do morro.

Ainda refletindo acerca desse conflito, as ondas e o vento mostram-nos o movimento de ir e vir, que possibilita aos habitantes das periferias a oportunidade de buscarem fora dali meios para prosperarem, de modo que esse movimento é renovador, capazes de devolver a esperança.

A imagem da “serpente”, ou mais precisamente o seu movimento ondulatório ou serpentino, lembra as ruas das periferias, as ruas estreitas e sinuosas, que se adequam ao solo do morro e sempre se renovam porque tendem a crescer. O vocábulo “destila” é empregado para lembrar o movimento da chuva que molha, que esfria, em oposição aos “punhais” que aludem aos raios do sol, que ferem, que esquentam.

A limitação humana se mostra ainda no poema através da imagem da “moldura das janelas”, um espaço reduzido por onde ecoam vozes indefinidas, como que sem identidade própria. Notamos também que nas ladeiras, as pessoas que aparecem são humildes, fragilizadas, “[...] coxas sustentando corpos escassos”, corpos cansados,

destinados ao trabalho, e à noite, nos deparamos com a vida noturna, a dualidade das necessidades do homem. “Seios e seixos nas notivagas mãos”, pois o sujeito também precisa de momentos de prazer.

Por meio da interjeição onomatopaica /ah!/ o eu lírico exclama seu sentimento de saudade, o que nos leva a entender que ele está recordando o seu passado. Pois, no último verso, “O Tempo os cabelos e os dentes arranca-nos”, fica aparente a ideia de tempo avassalador, de tempo como um ser superior, que não para, que passa e deixa apenas as lembranças. Sejam boas ou ruins. O vocábulo “Tempo”, escrito pelo poeta com inicial maiúscula, neste contexto, reforça essa mensagem, de determinador das emoções sentidas pelo eu lírico no momento que o poema foi escrito.

De certo, o eu lírico tende a expressar seus sentimentos em relação à cidade e a revela em meio aos conflitos que envolvem o periférico e o urbano, assim como apresenta algumas características dos sujeitos que nela habitam. Mas, nem sempre se consegue decifrar a cidade e se auto decifrar enquanto sujeito pertencente à ela, como compreenderemos no próximo poema.

IV

Esfinge, decifra-me desta cidade
o mistério. De Níobe, minha mãe,
um coração de pedra herdei. E
de meu pai, o capacete de Treva.
Invisível, por mil noites arrastaram-se
meus pés e agora advém a fadiga. Sequer
avoengas máscaras singulares deparei.
Oh! Devora-me, devora-me, pois o enigma
decifrar é a punhal fender meu peito.
(RUFFATO, 2002, p.42).

A cidade é um enigma que o homem, já esgotado, não consegue decifrar. Por isso, o eu lírico em meio ao desespero se mostra exausto, sem forças para lutar e apela para a Esfinge, uma criatura mítica grega, que usava sua sabedoria para elaborar difíceis enigmas e que devorava quem não os decifrasse, para decifrar o mistério daquela cidade e, conseqüentemente, o mistério de sua vida. Logo, observamos que se destaca no eu lírico os sentimentos de inquietação e esgotamento, tanto físico quanto psicológico, decorrentes de sua relação conflituosa com a cidade.

O ritmo do poema se constitui a partir da linguagem utilizada pelo poeta, através do jogo de fonemas sonoros e surdos que estabelecem o compasso entre os versos.

Deste modo, identificamos a ausência de rimas externas e percebemos a importância dos substantivos próprios e comuns na elaboração do texto, bases no enlace de sonoridades e sentidos.

O sujeito, dotado de um “coração de pedra”, é uma metáfora que lembra o coração humano morto e representa o sujeito que já não demonstra emoções, que não reage diante de algo que geralmente despertaria comoção nas pessoas. Um ser obscuro, sem vida, ideia reforçada pelo “capacete de Treva”, acessório que tornava invisível quem o usasse, o deixando alheio a tudo que o cercava.

Deste modo, compreendemos que esses traços da personalidade do eu lírico são heranças de seus pais, Níobe, a mãe, que se transformou em uma estátua de pedra e com um choro incessante após ter visto todos os seus filhos mortos e Hades, o pai, que domina o mundo inferior e o mundo dos mortos, que se tornava invisível, graças ao poder de seu capacete. Ambas as personagens da mitologia grega que juntas a Esfinge remetem a temáticas ligadas a morte, o que transfere para o poema sentimentos relacionados à tristeza, ao esgotamento físico e o fim da vida.

O vocábulo “Treva”, com inicial maiúscula faz alusão a Hades, ao mesmo tempo, reforça o sentido da escuridão presente no poema que se completa com a presença das “mil noites”, fatos que estabelecem um prolongamento da ausência da luz favorecendo ao sujeito um mergulho reflexivo ao seu interior.

O que se percebe é que o eu lírico utiliza essas referências para falar da cidade e da sua insatisfação em não ter o controle absoluto de suas escolhas, uma analogia com as heranças que herdamos do lugar que nascemos ou residimos, pois, a cidade tem o poder de moldar nossa identidade social e individual. É tanto que ele se sente fadigado devido a essas heranças, alheio à posse de sua própria vida, chegando a lamentar por não ter herdado dos seus antepassados.

As “máscaras singulares” representam a capacidade do sujeito se adequar em ambientes diversos, de construir meios de fugas para sobreviver, a imagem do antagonico, dos opostos que se completam.

Nos últimos versos, o eu lírico se revela imerso em total desespero, psicologicamente surtado, pois prefere ser devorado ao decifrar o enigma da cidade, assemelhando a compreensão da realidade que o cerca a um punhal que o fere mortalmente. Assim, observamos que o poeta busca mostrar em sua poesia os conflitos que observa ao seu redor, trazendo inclusive o conformismo do sujeito, como expresso a seguir.

V

Onde quer que estejas, em teu país
 ou em outro, és estrangeiro: ninguém
 tua língua compreende. Só, o deserto
 de estranhas veredas percorres.
 Conservas, no entanto, dos primeiros anos
 o albor, quando tua cidade, madrasta e mãe,
 teus sonhos na noite fresca velava.
 A grande mão que afagou-te esmaga o peito agora.
 Ah! Somos apenas o que somos. Apenas.
 (RUFFATO, 2002, p. 43).

De início, notamos que o poema é um encadeamento sintático, semântico e rítmico. O eu lírico é marcado pela primeira pessoa do plural “somos”, pertencente ao gênero masculino, como visto no vocábulo “estrangeiro” e as vozes que ecoam revelam que o eu lírico não se reconhece em sua cidade ou em seu país se sente como um estrangeiro.

O ritmo forte do poema é marcado pela sonoridade da letra *rr*, presente na maioria dos vocábulos, que exprime um certo rangido. Em oposição, palavras com consoantes surdas vão equilibrando o tom que diminui mais expressivamente no final do poema, pois, as vozes ecoam lamento e conformismo, “Ah! Somos apenas o que somos. Apenas”.

A linguagem utilizada pelo poeta desde os primeiros versos nos mostram uma sequência de falas que reforçam a aceitação da realidade, nos fazendo refletir sobre a solidão do homem moderno que vive nas grandes cidades, muitas vezes, estranho em sua própria casa, em seu próprio interior.

A imagem do “deserto” sugere que o homem está imerso em um ambiente desabitado e que caminha solitário, como que sugerindo que ele está perdido em suas emoções, sem rumo, uma ideia de oposição ao que acontece na cidade, circundada pela agitação e pelo movimento de pessoas.

Os substantivos femininos “madrasta” e “mãe” são empregados com valor de adjetivo para qualificarem a cidade, que hora se comporta como mãe, hora como madrasta, uma relação de estranho afeto com o seu habitante. Pois, sendo madrasta, a cidade pode acolher o indivíduo como estrangeiro, e sendo mãe, como filho natural, com sentimento de pertencimento territorial, transpondo conforto e segurança.

A presença da “mão”, relacionada a proteção da mãe ou da madrasta, é empregada como metáfora da cidade, mostrando a relação conflituosa que se

estabeleceu com o habitante. Logo, a “mão que afagou-te esmaga o peito”, representa esse contraste em que a cidade que acolheu seu morador, que ofereceu oportunidades de permanência é também a mesma que o insolou do mundo, o faz sentir-se forasteiro na sua pátria.

Há no poema um clima de desalento, em que as sombras não são referidas explicitamente, mas que permeiam nas emoções do sujeito incompreendido. De fato, o mundo moderno tem o poder de excluir mais do que incluir e, às vezes, a cidade se revela como um pesadelo como ocorre no próximo poema.

VI

Ainda que em escombros, irrompe
da cinzenta infância a cidade,
encalhada no Tempo, desprezada
fragata. Bacilos de Koch a gaita
de fole do peito carcomem, os dentes
a polpa dos sonhos cravam. Que desse
pesadelo acorde-me alguém, um corvo até,
que exausto estou – já se fecham de par
em par os olhos para a outra madrugada.
(RUFFATO, 2002, p. 44).

O eu lírico marcado pela primeira pessoa do singular “estou”, pertencente ao gênero masculino como observado no vocábulo “exausto”, descreve uma cidade que brota subitamente dos escombros, de maneira despedaçada após longo tempo de esquecimento.

O ritmo do poema se consolida em sonoridade interna, devido à ausência de rimas externas, inicialmente notado pelo encadeamento sintático que une verso a verso. A presença dos vocábulos “irrompe” e “encalhada” marcam a aproximação de ideias opostas ao se referir à cidade, assim como “acorde-me” e “se fecham”, que se opõem às ações do eu lírico.

O “Tempo”, escrito com inicial maiúscula o revela como ser supremo, dá ênfase à ação de duração dos fatos, em que o sujeito suplica para que alguém o acorde, o desperte do pesadelo em que está imerso. Neste sentido, o surreal permeia os versos, a realidade se distancia e observamos as bactérias “carcomem” que o peito e os dentes que “cravam” os sonhos.

A cidade é mencionada por meio de metáfora, comparada a uma “fragata”, um navio de guerra abandonado, que serviu outrora como mensageiro da morte e que foi esquecido ao longo do tempo. Neste contexto sombrio, o “corvo”, visto como

mensageiro da morte e dos maus presságios, aparece com sentido oposto ao que representa, simbolizando a esperança, o meio em que o eu lírico acorda do pesadelo em que se encontra.

De forma alegórica a cidade constrói e reconstrói imagens, se apresenta em escombros, enalhada e desprezada, se aproximando da realidade em que se encontram muitas cidades mal administradas, ao mesmo tempo, de modo irreal e fantasioso, se mostra como bactéria, “Bacilos de Koch” que destrói o pulmão e como dentes que enterram os sonhos.

Alusivos à essa reconstrução do eu, nos deparamos com uma grande metáfora entre a cidade e o indivíduo sem expectativas de vida, que se vê mergulhado em um pesado e não encontra forças para acordar, para prosseguir em seu caminho no alvorecer de um novo dia, o sujeito se vê obrigado a apelar para que alguém o acorde, um pedido de socorro, que nem sempre é correspondido.

O poema nos revela o desespero e a inquietação existentes no eu lírico que em meio a um pesado já se prepara para a próxima madrugada, como que estivesse acordado, nos provocando a partir do movimento dos olhos que se “fecham de par em par” a refletir sobre o cansaço e a exaustão física em que vivem os sujeitos em meio a suas rotinas. Um sentimento de continuidade que nos conduzem ao futuro ou de volta ao passado como a seguir observaremos.

VII

Séculos e séculos caminhos
e na encruzilhada Tu e eu novamente.
A tiara em teus cabelos, um halo
na triste paisagem. O oráculo
de Delfos pressagiu: andaremos,
andaremos, e no princípio chegaremos.
Mas já não há lugar para calos nas mãos,
uma pedra ensanguentada rolo. Onde estão todos?
Onde estão, ó Demiurgo? Estamos sós?
(RUFFATO, 2002, p. 45).

O último poema da sessão As máscaras singulares é caracterizado pela intensidade das emoções. O eu lírico é determinado pela primeira pessoa do singular “eu”, sem demarcação de gênero e uma outra pessoa aparece no poema, marcada pela segunda pessoa do singular “Tu”, que supomos ser uma mulher, fato apreendido

após o eu lírico se referi a “tiara” usada em seus cabelos, pois é um adorno usado geralmente por mulheres.

A linguagem utilizada pelo poeta busca intensificar as ações que sucedem no poema. O uso da hipérbole empregada no primeiro verso amplia o ato de caminhar, “séculos e séculos caminhamos”, o que nos transmite a ideia de cansaço, de desânimo e de tempo.

A “encruzilhada” marca o ponto do embate decisivo, a hora em que o eu lírico se depara com o seu passado, “Tu”, a mulher. Implicitamente, a imagem feminina pode ser a mãe, pois representa “um halo na triste paisagem”. Tais alusões nos permitem compreender que o eu lírico é um imigrante, que partiu e regressou à sua terra natal, pois se sugere que ele já teve “calos nas mãos”, típico de quem trabalha no campo e que começou o ofício desde muito jovem.

Os calos transmitem a ideia de sofrimento, de trabalho realizado com esforço físico, a “pedra ensanguentada” é uma alusão a esse tempo, que rolada, significa que só pertence ao passado, não cabe mais ao presente, momento visto como uma superação dos momentos árdios vividos.

As terminações verbais “andaremos” e “chegaremos” marcam o movimento do tempo, que logicamente nos impulsiona para o futuro, no entanto, no contexto do poema se referem a ideias contrárias, pois se anda para frente, mas só se chega ao “princípio” se retornarmos.

A intertextualidade presente no poema enriquece a criação poética. Neste sentido, a referência ao oráculo de Delfos, um espécie de profeta grego serve para aproximar culturas. Pois, o ato de andar, andar e ao princípio voltar se remete a antigos ditos de tentar adivinhar ou prever o futuro, principalmente quando se trata de sujeitos imigrantes.

Também notamos que Delfos não foi escolhida por acaso, a cidade já foi considerada pelos gregos o centro do mundo, o local para onde todos os olhos se voltavam como o que ocorre com a nossa cidade de origem. Em seu interior havia uma fonte que lançava vapores, um clima quente de certo, que se remete à presença de Demiurgo no poema.

O eu lírico que por um tempo é confortado pela mulher, nos últimos versos aparece em meio à solidão, desesperado, invocando “Demiurgo”, deus responsável pela organização do mundo, do caos existente, para lhe explicar “onde estão todos?”.

a imagem de Demiurgo se opõem a de Deus, pois representa a parte mau da criação que não cabe a Deus, pai de bondade, onipotente e misericordioso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observamos ao longo deste trabalho, o poeta é um ser especial, pois difere dos outros homens por sua capacidade inigualável de utilizar a linguagem na criação literária. Sua arte, a poesia, ganha vida a partir da leitura e exige que essa se faça de modo plural, pois é preciso refletir para compreender a mensagem explícita ou implícita em seus versos.

Assim, Luiz Ruffato é um desses homens de notável inspiração, que leva para a sua poesia, mais precisamente para a obra *As máscaras singulares*, os temas que universalizam a literatura, como morte, tempo, solidão, entre outros, de modo criativo e original. Além disso, acrescenta uma discussão acerca da condição humana a partir dos conflitos existentes entre o homem e a cidade contemporânea.

A sua poesia moderna é constituída de versos livres e desprovida de rimas externas o que requer por parte do pesquisador uma habilidade maior na hora da análise literária, sendo preciso que se busque outras características para apontar principalmente o ritmo dos versos. Deste modo, verificamos na seção *As máscaras singulares*, que os poemas são constituídos através do encadeamento, sintático, semântico e rítmico que liga verso a verso, sendo o ritmo percebido por meio da sonoridade interna.

Quanto à significação dos poemas, consideramos de suma importância às imagens projetadas dos versos, por aproximar em um primeiro momento, o leitor da obra e contribuir para a apreensão dos seus primeiros significados. Um trabalho que só é possível graças às imagens capturadas ao longo do tempo pelo olho e armazenada na memória e que são, no momento da leitura, revisitadas pela lembrança. Consequentemente, essas imagens colaboram no processo de interação ao mesmo tempo em leva o leitor a enxergar em meio à escuridão dos textos.

A poesia de Luiz Ruffato é intensa, às vezes, seu lirismo se mostra quase inacessível por sua subjetividade, sendo necessária uma leitura calma e atenta. E, como observamos requer do leitor conhecimentos de mundo para uma melhor compreensão, pois o escritor incorpora em sua arte personagens da mitologia grega que se ligam diretamente ao significado dos seus poemas. De forma que se tornam indispensáveis essas informações por sua relevância no contexto dos textos.

As temáticas abordadas nos poemas analisados, na seção *As máscaras singulares*, passeiam pelas emoções do eu lírico imerso na tristeza, no desengano e

na sua relação com a cidade, sempre de forma conflituosa, por sua vontade insistente de tentar compreendê-la. Sendo que a cidade é representada nos poemas a partir de metáforas, se revelando desde como um nome no mapa a uma construção em lugar impróprio, circundada de sombras e em escombros, sendo madrasta e mãe. O que deixa transparecer o caos, a falta de planejamento urbano, a sua condição de incluir e excluir o sujeito no mundo moderno.

As máscaras singulares se revelam nos poemas como a capacidade de o sujeito sobreviver e se adequar aos diversos ambientes, uma maneira dos opostos se unirem e conviverem mesmo que em meio aos conflitos cotidianos.

Nessa perspectiva, a cidade retratada por Luiz Ruffato é um “enigma” que o homem não consegue decifrar e mergulhado no caos que o rodeia não se reconhece como pertencente a ela, pois se encontra em meio a solidão e em constante conflito de existência.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, Alfredo (org.). **Leitura de Poesia**. 4ª imp. São Paulo: Ática, 2007.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Editorial Humanitas, 2006.

CARMO, Carlos Eduardo Vieira do. "A comunicação poética". In: NETO, Ribeiro. (Org.). **A Linguagem da poesia**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001. p. 27-32.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NETO, Ribeiro. (Org.). **A Linguagem da poesia**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

POUD, Ezra. **ABC da Literatura**. 11. ed. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. Org. e apresent. Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 2006.

RUFFATO, Luiz. **As máscaras singulares**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

VIEIRA, Flaviano Maciel. "Abordagem poética". In: NETO, Ribeiro. (Org.). **A Linguagem da poesia**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001. p. 13-26.

Webgrafia:

PRADANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Emani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 28 de out. 2018

RUFFATO, Luiz. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3628/luiz-ruffato>>. Acesso em: 20 de out. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

_____. Luiz Ruffato: 'Literatura é compromisso'. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/Luiz-Ruffato-Literatura-e-compromisso-/39/33164>>. Acesso em: 13 out. 2018.

_____. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3628/luiz-ruffato> > Acesso em: 20 de out. 2018.

_____. Luiz Ruffato: "Eu me dei como tarefa tentar representar a camada social baixa na literatura brasileira". Disponível em: <<https://livreopiniao.com/2013/12/20/luiz-ruffato-eu-me-dei-como-tarefa-tentar-representar-a-camada-social-baixa-na-literatura-brasileira/>>. Acesso em: 16 de set. 2018.

_____. Em entrevista, Luiz Ruffato fala sobre literatura que incomoda. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/20/interna_diversao_arte.660829/em-entrevista-luiz-ruffato-fala-sobre-a-literatura-que-incomoda.shtml> Acesso em: 16 de set. 2018.

_____. Um Escritor na Biblioteca: Luiz Ruffato. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=266>> Acesso em: 16 de set. 2018.

_____. Entrevista a Luiz Ruffato. Disponível em: < <https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/entrevista-a-luiz-ruffato/> > Acesso em: 16 de set. 2018.

_____. Entrevista Luiz Ruffato, escritor. Entrevista concebida a Mauro Morais para a Tribuna de Minas. Disponível em: < <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/23-11-2014/entrevista-luiz-ruffato-escritor.html> > Acesso em: 16 de set. 2018.

_____. Reconstruindo a história. Disponível em: < https://www.diariodaregiao.com.br/conteudo/2018/02/vida_e_estilo/1096539-reconstruindo-a-historia.html > Acesso em: 16 de set. 2018

_____. Escritor de carteirinha. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=311205>> Acesso em: 29 de set. 2018.

_____. Entrevista concebida a Rodrigo de Souza Leão para o Balacobaco. Disponível em: < <http://www.gargantadaserpente.com/entrevista/luizruffato.shtml> > Acesso em: 02 de out. 2018.

_____. Alguns apontamentos sobre a literatura brasileira contemporânea. Disponível em: <<http://conexoesitaucultural.org.br/biblioteca/alguns-apontamentos-sobre-a-literatura-brasileira-contemporanea/>> Acesso em: 29 de set. 2018.